

MÉRTOLA, VILA MUSEU

Por todo o concelho abundam provas de um povoamento precoce, os primeiros vestígios remontam ao Neolítico, há cinco mil anos atrás. A Mértola, chegaram Iberos, Fenícios, Gregos e Cartagineses, numa ocupação que tinha por mote o controlo das rotas comerciais. A romanização de Mértola deu-se ao longo do séc. II a.C., com a ocupação efetiva do território, a verificar-se na segunda metade desse século.

Designada de *Julia Myrtilis* ou *Myrtilis Julia*, a cidade assume a importância da sua atividade comercial. Na Antiguidade Tardia, *Myrtilis* manteve a sua importância económica e a sua vocação mercantil.

Chegam os primeiros evangelizadores cristãos e na arquitetura religiosa, o período testemunha a edificação das primeiras construções cristãs de que é exemplo a Basílica Paleocristã do Rossio do Carmo. As convulsões militares que abalavam o império romano criaram situações de insegurança e instabilidade na cidade. Pelo concelho surgem, vestígios de comunidades visigóticas representadas por diversos vestígios arquitetónicos deixados no território.

Com a invasão dos povos do Norte de África, liderados por Tarik em 711, Mértola reafirma a sua função comercial e reforça a sua condição de porto mais Ocidental do Mediterrâneo. Ocorre nesta altura uma das fases mais importantes da história deste território e a cidade de *Martulah* chega a ser durante um curto período no século XI, capital de um pequeno emirado islâmico independente, a taifa de Mértola.

A conquista cristã deu-se no reinado de D. Sancho II, pelo comendador da Ordem de Santiago, Paio Peres Correia, em 1238. O território foi então doado à Ordem dos Cavaleiros de Santiago e, progressivamente, foi perdendo a sua importância comercial. Em 1512, D. Manuel I dá Foral a Mértola e durante os séculos XVI e XVII, o porto atinge novo fulgor com a exportação de cereais para as ocupações portuguesas no Norte de África.

Já nos finais do séc. XIX, a descoberta e exploração do filão mineiro na serra de “Sancto” Domingos deu novo ânimo às terras de Mértola. Na aldeia de S. Domingos ergueu-se um complexo mineiro e um aglomerado populacional significativo. Com o declínio da exploração mineira, o concelho assiste a um êxodo populacional massivo, e entre 1961 e 1971 perde mais de 50% da sua população para nunca mais a recuperar.

Nos anos oitenta a intensa atividade arqueológica deu a conhecer todo o passado grandioso da vila no testemunho do vasto património descoberto em sucessivas escavações por todo o concelho. Da cidade romana e islâmica, além do seu próprio traçado urbano restam alguns vestígios monumentais e, sobretudo, as pequenas marcas da vida de todos os dias e as memórias de muitos saberes. São estes sinais, estes artefactos, recolhidos em campanhas arqueológicas e rigorosamente estudados, que hoje são o sedimento da sua identidade e o conteúdo dos seus vários núcleos museológicos e lhe conferem o rótulo de Vila Museu.

Mértola faz-se coroar por um castelo imponente e sólido que nos leva a pensar sobre a relevância deste povoado desde os tempos passados. A velha muralha parece abraçar o casario. Designada de Vila Museu devido a um vasto espólio arqueológico “desenterrado” das entranhas da terra do concelho, Mértola revelou que desde o Neolítico um grupo de pessoas a considerou um bom local para habitar.

Depois de muitos outros povos vieram os Romanos que lhe colaram o nome de Mirtilis. Despontou uma forte vocação comercial e a atividade mercantil desenvolveu-se devido principalmente ao porto. É verdade, Mértola era uma cidade portuária, benefícios da navegabilidade do rio Guadiana que banha a vila.



a cada dois anos.

A última grande influência é a Islâmica tendo sido, inclusivamente por um breve período, um reino independente, a taifa de Mértola. Com os povos invasores vindos do norte de África, Martulah recupera o seu estatuto comercial e passa a figurar no mapa como o porto mais ocidental do Mediterrâneo. Mértola vale-se fortemente dessa presença árabe realizando um Festival Islâmico no mês de maio

Igreja Matriz de Mértola e Antiga Mesquita de Mértola.

Impressiona pelo branco ofuscante de que se veste à luz intensa do sol alentejano. A estrutura é simples: um austero quadrado, paredes despidas de adornos e apenas os merlões e pináculos cónicos que adornam o templo denunciam o estilo mudéjar alentejano. O pórtico da entrada, esse sim, tem significativos detalhes decorativos que denunciam uma influência gótica. É no interior que se descobre a sua longa história. Sob um teto abobadado suportado por colunas, descobrem-se os vestígios que confirmam indubitavelmente que este edifício foi outrora a mesquita da vila. O mirhab (nicho em forma de mesquita) ainda em bom estado de preservação e as portas de arco em ferradura são disso prova. Do interior tem-se ainda acesso à cave da antiga sacristia que expõe os vestígios de outras épocas desta edificação.



Castelo de Mértola e estátua equestre de Ibn Qasi.

Faltam dados concretos sobre a data da primeira edificação fortificada. Sabe-se que o castelo fortificado assenta sobre construções muito antigas. Só no século XIII, aquando da Reconquista é que foi edificada a grande maioria das suas estruturas, como a Torre de Menagem que alberga agora um núcleo museológico com peças da época em que a Ordem de Santiago se sediou em Mértola. Devido à sua posição altaneira é, obviamente, um dos melhores pontos para vistas panorâmicas sobre a vila e o rio Guadian



Alcáçova de Mértola



Um extenso trabalho de escavações arqueológicas revelaram a existência de um núcleo habitacional nas imediações das muralhas do castelo. Num primeiro nível encontra-se o conjunto de habitações islâmicas debaixo das quais foram descobertas as construções da época Romana. As construções habitacionais islâmicas provam a existência dum bairro proeminente com todos os traços caraterísticos da arquitetura mourisca

mediterrânica: pátio de entrada, cozinha e despensa, quartos e latrina. Um nível abaixo, os vestígios Romanos indicam a existência dum palácio episcopal ou fórum cuja galeria se estende até ao atual cemitério.

Torre do Relógio

Este é um dos elementos mais fotogénicos da vila de Mértola. Um torreão assente sobre as muralhas que circundam o centro histórico, convida tanto o visitante a explorar a sua escadaria, como o casal de cegonhas que habita no telhado. No sino inscreve-se a data de 1593, data provável da sua utilização como torre relógio. Daqui pode-se descer a escadaria que dá acesso ao porto e aproveitar para fazer uma caminhada à beira do rio. Chegar lá é fácil, é só descer a rua a partir do Largo Luís de Camões onde se encontra a Câmara Municipal.



Torre do Rio ou Torre Couraça



Já no período de ocupação Romana era sentida a necessidade de proteger o porto e a cidade. Foi com esse propósito que foi construída a Torre Couraça como forma de garantir à população o acesso à água do rio em épocas de cheia ou guerra.

Casa Romana

A Câmara Municipal de Mértola é a porta de entrada da Casa Romana. Aquando dumas obras nas fundações da Câmara Municipal, foram descobertos vestígios duma habitação. Assim nasce o núcleo museológico da Casa Romana com uma pequena exposição dos achados: potes, ânforas, esculturas e outros



Museu de Mértola



Alguns dos pontos de interesse acima mencionados, fazem parte do Museu de Mértola. No fundo, **o Museu é um conjunto de núcleos museológicos espalhados um pouco por toda a vila.** Ocupando edifícios históricos preparados para criar a ambiência adequada à temática do acervo que reúnem e que pretende mostrar a grande riqueza etnográfica, histórica e cultural da Vila Museu. Os núcleos museológicos de **Arte Islâmica** e **Arte Sacra** provam a cristianização e islamização do concelho. Somam-se a **Torre de Menagem** no castelo, a **Forja do Ferreiro**, a **Oficina de Tecelagem** que mantém vivas técnicas ancestrais, e a **Casa do Mineiro**, este na Mina de São Domingos. Os núcleos implantados em edifícios dos respetivos períodos históricos são a **Casa Romana**, a **Basílica Paleocristã**, a **Ermida e Necrópole de S. Sebastião** e a **Alcáçova**.

Vestígios arqueológicos da Basílica Paleocristã

Por debaixo do Museu Municipal de Mértola, em testemunho das várias ocupações humanas que esta vila albergou ao longo do tempo, ocultam-se as ruínas de uma grande basílica paleocristã, aberta ao culto entre os séculos V a VIII. Com planta traçada de três naves e absides contrapostas, o que resta deste edifício é hoje valorizado por uma museografia que apenas sugere as principais linhas arquitetónicas.



Para além disto, o concelho de Mértola conserva, igualmente, um conjunto de núcleos habitacionais de grande importância, onde a arquitetura e as técnicas de construção tradicional em taipa predominam, como é o caso das **aldeias mineiras da Mina de S. Domingos e Pomarão**.

Minas de S. Domingos



No final do século XIX, com a descoberta do filão mineiro em S. Domingos o Concelho, em especial a margem esquerda do Guadiana conhece uma nova época de prosperidade, caracterizada principalmente por um acentuado crescimento demográfico. A empresa inglesa que explora a mina constrói pouco a pouco uma aldeia para todos que laboram na mina e em seu redor. Com locais bem demarcados foram construídos bairros em função das atividades desenvolvidas na estrutura mineira.

Ainda hoje, é bem visível esta divisão de poder: a zona dos Ingleses com casas espaçosas, jardins e

espaços de convívio contrasta com as zonas dos operários em que o mesmo espaço (16m²) era compartilhado por famílias numerosas. Edificações, de taipa, alinhadas em banda, são hoje o cartão de visita desta localidade.

Durante mais de cem anos os mineiros retiram do subsolo milhões de toneladas de minério, principalmente cobre.

A mina trouxe para a povoação um nível de desenvolvimento muito acima do vivenciado no resto do país. Aqui construiu-se, por exemplo, uma das primeiras linhas férreas, para fazer a ligação entre a mina e o antigo porto

fluvial no Pomarão, que permitia o escoamento do minério através do rio Guadiana. Construiu-se, também, a primeira central elétrica do Alentejo. E sustentada pela atividade mineira, existia uma sociedade local dinâmica, moderna e com acesso a vários serviços, como um cineteatro ou um hospital

Em finais da década de cinquenta e à medida que a exploração mineira diminuía a crise social e

económica instala-se nos que dependiam diretamente e indiretamente da mina. Em 1965 a mina encerra definitivamente e a depressão económica assola centenas de famílias, que para assegurarem a sua sobrevivência são obrigadas a ir para a zona da grande Lisboa e estrangeiro.



Porto Fluvial do Pomarão

Depois de extraído, o minério era conduzido pelo caminho-de-ferro que ligava a Mina de S. Domingos ao porto do **Pomarão** para embarcar em grandes navios que o levavam até Inglaterra e outros países. Esta povoação também, propriedade da La Sabina, apresenta as mesmas características da Mina de S. Domingos com edificações de taipa de pequenas dimensões.

Atualmente, o **Pomarão é um dos**

locais mais visitados do Concelho onde dezenas de veleiros atracam depois de subirem o Guadiana.



Também no património natural, Mértola possui uma vasta área protegida como o **Parque Natural do Vale do Guadiana**

O Parque Natural do Vale do Guadiana é uma área protegida, com uma área de 69700 hectares, localizada no sudeste do território português, na região do Baixo Alentejo

O parque abrange os concelhos de Mértola e Serpa, localizados no distrito de Beja, abrangendo a zona ribeirinha do rio Guadiana, bem como a Vila de Mértola, localidade de grande interesse histórico.



Pulo do Lobo

Na zona norte do Parque situa-se um dos seus principais atrativos, o Pulo do Lobo, local de grande interesse geológico onde as águas do Guadiana caem cerca de 20 metros altura através de uma garganta rochosa.

Criado para proteger parte do troço do rio Guadiana e da planície circundante, é uma das zonas mais secas do País, com uma precipitação anual média de 600 milímetros. A sul, entre Castro Marim e Vila Real de Santo António, situa-se uma área de sapal, que funciona como uma "creche" para os peixes juvenis e como um importante refúgio para várias espécies de aves.

O objetivo desta visita de estudo, para além de proporcionar excelentes momentos de convivência, serve também para contribuir para a nossa formação cultural, aumentar os nossos conhecimentos, apreendendo e valorizando o património histórico da vila de Mértola, bem como observar *in loco* os vestígios da romanização e identificar marcos históricos da influência das civilizações árabe e cristã.